

Reler Malinowski pela primeira vez: revisitando um clássico

DOI

<http://dx.doi.org/10.11606/1678-9857.ra.222589>

João Balieiro Bardy

Universidade Federal do Rio de Janeiro | Rio de Janeiro, RJ, Brasil
joao.bardy2@gmail.com | <https://orcid.org/0000-0003-0736-8134>

TONIOL, Rodrigo; FLEISCHER, Soraya (orgs.). *E quando a limonada antropológica azeda?* Porto Alegre, Zouk, 2023, 195p.



O título desta resenha faz alusão ao livro *Por que ler os clássicos*, de Ítalo Calvino (2007). No prefácio dessa obra, Calvino nos oferece catorze motivos para ler os clássicos. O quarto motivo diz: “Toda releitura de um clássico é uma leitura de descoberta como a primeira” (*Ibidem*: 11). *E quando a limonada antropológica azeda?* (TONIOL; FLEISCHER, 2023) celebra o centenário de *Argonautas do Pacífico Ocidental* (1922)

e apresenta uma releitura inédita de um dos maiores – senão o maior – cânones da antropologia. Partindo do apêndice de *Coral Gardens*, a coletânea se propõe a reunir textos que expõem as dificuldades do campo etnográfico, em particular aquelas que se apresentam como intransponíveis e que inevitavelmente levam a campos etnográficos frustrados. Ao mesmo tempo, os oito capítulos que compõem o livro são também uma nova maneira de refletir sobre esses desafios. Diferente das frustrações apresentadas por Malinowski, sejam elas “desinteresse etnográfico”, “distrações” ou “inadequações”, os textos desta coletânea ilustram um outro conjunto de problemas, que partem de desafetos políticos com o campo, demandas de interlocutores, suas próprias expectativas em relação à antropologia e as dificuldades impostas pelos seus corpos e marcadores sociais para a efetivação do trabalho antropológico, seja ele no campo ou fora dele.

A coletânea preenche um vácuo importante na antropologia, à medida que discute com franqueza as falhas na empreitada etnográfica. Torna-se assim uma bibliografia de potência para ser discutida em disciplinas sobre metodologia nas universidades, fundamentais para a formação de futuros antropólogos.

O livro propõe um novo olhar sobre o cânone, ao mesmo tempo que retoma certo debruçamento sobre a própria disciplina e a construção do campo etnográfico. Se tomarmos os textos etnológicos como a marca do cânone brasileiro, na medida em que retomam uma alteridade radical, própria da pretensão original da disciplina, o livro não é insuficiente. Clarice Cohn e Tadeu Lopes Machado trazem em seus capítulos – terceiro e quarto, respectivamente – uma importante discussão sobre as novas dinâmicas relacionais que são postas na etnologia contemporânea entre antropólogo, “nativo” e institucionalidades. Cada um, ocupando um lugar diferente, reflete sobre suas falhas e insuficiências em sua tentativa de dar conta do lugar onde foram colocados por estas novas dinâmicas. Clarice, no seu papel de tradutora entre saberes técnicos e tradicionais no processo de planejamento e construção da Usina de Belo Monte em território Xikrin, assume o papel de mediadora. Tadeu, discutindo o “embargo” – por parte de seus interlocutores Kumenê – que se seguiu de um “boicote” – por parte do Conselho de Caciques do Oiapoque (CCPIO) –, nos ajuda a refletir sobre a condição antropológica como uma em que as filiações institucionais importam e têm impactos concretos na construção do campo.

Clarice Cohn reflete sobre seu tempo junto aos Xikrin durante a construção da Usina Hidrelétrica de Belo Monte no capítulo “Etnografias em tempos de Belo Monte: afetos e (des)confianças no fazer antropológico, ou a antropóloga e os Xikrin”. A autora analisa os impactos que sua mediação entre os Xikrin e os setores estatais envolvidos na construção da Usina produziram na relação entre ela e seus interlocutores. Clarice rememora seu tempo como “tradutora” entre os dados dos estudos de impacto ambiental e o conhecimento tradicional Xikrin, um esforço de pôr em diálogo saberes técnicos e tradicionais dentro de uma estrutura burocrática morosa.

A autora reflete sobre o papel da “teimosia”, como uma característica tanto virtuosa da antropologia quanto um traço adquirido pela alteridade com seus interlocutores Xikrin, na conciliação que ela empregou com eles após as sucessivas derrotas que ela e os Xikrin sofreram frente à construção da barragem. Ela nos convida a lidar com o medo do descrédito de nossas pesquisas através de duas categorias relacionais: aparentar e inimizar, que funcionam como dinâmicas cíclicas e repetitivas que devemos enfrentar.

No capítulo escrito por Tadeu Lopes Machado, “Entre embargos e boicotes: bastidores de uma negociação de pesquisa com povo indígena”, o autor narra dois processos durante seu doutorado que denomina como um “embargo” seguido de um “boicote”, que o impediram de realizar suas pesquisas. Tadeu nos leva aos bastidores de sua pesquisa e reflete sobre dinâmicas políticas Kumenê e os impactos que embargo e boicote tiveram em sua percepção de autovalor como pesquisador. Ele nos mostra como essas crises etnográficas, permeadas por questões de gênero e legitimidade política, acabam se traduzindo em direcionamentos de pesquisa que estão além da vontade do pesquisador.

O segundo capítulo da coletânea, “Da borda ao fundo: política epistemológica entre pânicos morais e antropologias que não o são”, de autoria de Natânia Lopes, continua refletindo sobre institucionalidades que nos atravessam e marcam nossos caminhos de pesquisa. O capítulo de Natânia ressalta como sistemas morais atravessam políticas de financiamento, bolsas e intercâmbios dentro da academia. Natânia mobiliza a experiência de Giovana, uma personagem conceitual composta de experiências da própria autora e de suas interlocutoras de campo que trabalhavam em bordéis e zonas cariocas, para pensar os limites de quem pode fazer antropologia. Assim como a autora, Giovana é uma antropóloga e prostituta, que nos conta uma experiência frustrada de realizar parte de seu doutorado na França, devido ao fato de ser trabalhadora sexual. Esse evento a leva a pensar as moralidades envolvidas no processo científico e ponderar como estas afetam e moldam enquadramentos metodológicos de produção de conhecimento.

Esse quadro de violência – no caso de Natânia, epistêmica – é retomado também nos textos de Tiago Hyra Rodriguês, Stephania Klujsza e Jaqueline Ferreira e no texto de Raquel Bastos e Pedro Paulo Gomes Pereira a partir de suas experiências falhas em campo. Se no caso de Natânia a violência parte de dentro do espaço acadêmico, para Raquel Bastos ela se deu em campo.

No sétimo capítulo da coletânea, “Memórias de uma escargô: quando o campo adoce”, escrito em coautoria por Raquel Bastos e Pedro Paulo Gomes Ferreira, uma “antropologia escargot” é proposta. Baseado nas experiências de campo de Raquel, o artigo mergulha nas humilhações e constrangimentos que a autora atravessou durante seu tempo realizando pesquisa de campo na Suíça em um ramo – espécie de comunidade – da antroposofia. O texto inverte a situação clássica de poder

nos textos antropológicos, é ela que é atravessada constantemente por um olhar colonial e posta em lugar de subalternidade pela sua principal interlocutora, Madame Elizabeth. Em um contexto de valorização de uma moral liberal e individualista, a autora narra como sua alimentação – constituída naquele momento por ultraprocessados e alimentos “não saudáveis” por conta de limitações financeiras – era vista como inaptidão e preguiça em campo. O adoecimento psicológico subsequente às situações de violência vivenciadas durante a realização do campo marca choros e tarefas intermináveis que a levaram a ser considerada inferior por seus interlocutores de pesquisa. Apesar de, como ela mesma admite, ter adoecido novamente no processo de escrita do texto, os autores trazem uma reflexão valiosa sobre como o corpo do pesquisador impõe limites de pesquisa, e realizam um processo de ressignificação simbólica a partir do escargot, animal ao qual Raquel foi comparada durante seu período de imersão etnográfica.

O capítulo quinto, “(Des)confissões de ignorância e fracasso, ou relato cuidadoso e sincero das dificuldades do trabalho de campo etnográfico sobre temas ‘problemáticos’”, de Tiago Hyra Rodrigues, e o sexto, “Antropólogas e violência obstétrica: uma relação incômoda”, escrito em coautoria por Stephania Klujsza e Jaqueline Ferreira, também dialogam a partir de contextos de violência, e é o silêncio que atravessa grande parte de suas reflexões. No caso de Tiago, o silêncio de seus interlocutores em campo produzido pelo medo manifesto em contextos de violência urbana. Para Stephania e Jaqueline, o silêncio se impôs sobre uma das próprias pesquisadoras, que, grávida, tomou os relatos de violência obstétrica de suas interlocutoras como seus e se viu emudecida pela angústia de estar sujeita a conhecer a dor das mulheres com quem conversou.

A violência urbana emerge como ponto focal de interesse no capítulo de autoria de Tiago Hyra Rodrigues. O autor nos convida a refletir sobre as dificuldades inerentes deste tema em particular, enquanto discorre sobre como estas dificuldades do campo afetaram sua escrita, caminhos de pesquisa e autoestima como pesquisador. Natural de São Paulo-SP, Tiago apresenta caminhos de sua pesquisa de doutorado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em Porto Alegre-RS. Ele narra as dificuldades de pesquisar temas como violência a partir do lugar do estrangeiro, ao mesmo tempo que reflete sobre o medo, a indignação, a desconfiança e o silêncio como partes inerentes ao seu tema de interesse e que atravessam as relações dentro do campo. Retomando o texto *Coral Gardens*, de Malinowski, Tiago nos convida a pensar como, ao olhar de certa antropologia clássica, as particularidades de seu tema de pesquisa podem ser vistas como incompetência do pesquisador. Margeando este debate e colocando em diálogo suas experiências de frustração ao lado das de Malinowski, ele reflete sobre seu processo pessoal de produção, o qual revela uma tensão entre a incorporação e a recusa desta perspectiva, que enxerga no pesquisador um agente que deve domar seu campo através do controle de suas

frustrações individuais.

A temática da violência se sustenta no referido sexto capítulo do livro, “Antropólogas e violência obstétrica: uma relação incômoda”, escrito por Stephania e Jaqueline. Desta vez, no entanto, a perspectiva do estrangeiro não se faz valer, visto que uma das pesquisadoras se encontra diretamente vinculada ao tema por estar ela própria grávida. Diferente de Tiago, as autoras tentam pensar nas dificuldades de sustentação de uma alteridade dependente da outridade, própria à produção de conhecimento antropológico, quando os temas de pesquisa estão visceralmente vinculados à existência do mundo e ao corpo do antropólogo. Apesar da intensa preparação para o campo, Stephania encontra no relato de Joana, uma de suas interlocutoras, uma transferência visceral do sofrimento vivido a tal ponto que a elaboração teórica de sua narrativa era impossibilitada pela violência física e psicológica que ela agora sentia como sua.

O capítulo que abre a coletânea, de Guillermo Veja Sanabria, “De ideias encantadas sobre a pesquisa em antropologia”, ao nos oferecer uma sumarização de diversos problemas que se repetem nos textos do livro, poderia muito bem ser a conclusão da obra. O colombiano, radicado no Brasil, tendo dedicado sua formação a pesquisar o problema do HIV na África do Sul, chama a atenção para algumas de nossas próprias “caixas pretas”, para nos utilizarmos do vocabulário de Bruno Latour, e os perigos de imaginarmos nossas pesquisas a partir dessas simplificações nas quais o conceito se esvazia do processo teórico que o geriu. O uso de conceitos como signos linguísticos acaba por simplificar a complexidade do trabalho etnográfico e, inevitavelmente, nos deixa frustrados em relação ao nosso próprio trabalho. O autor discute cinco destes pontos: 1) a premissa da empatia pelos nossos interlocutores de pesquisa; 2) a noção de utilidade ou aplicabilidade social das pesquisas antropológicas; 3) a noção de que o antropólogo detém o poder nas suas relações de campo; 4) a crença no valor da fala como dado primordial da elaboração antropológica e, por fim; 5) a noção de que toda pesquisa possui um “final feliz”, que será concluída.

O oitavo capítulo, “À beira da antropologia: trabalhar com mulheres indígenas (e outras) hoje”, de autoria de José Miguel Olivar, reflete sobre seu tempo trabalhando na fronteira entre Brasil e Colômbia com mulheres indígenas. Investigando o tráfico de pessoas e a prostituição na região, José traz um olhar sincero sobre o papel do Antropólogo na elaboração e instrumentalização dos conhecimentos nativos na produção de ferramentas que funcionam tanto no campo acadêmico quanto para os sujeitos de nosso campo etnográfico. O texto que encerra a coletânea é um chamado para a abertura das possibilidades de produção de conhecimento. O autor colombiano reflete sobre sua trajetória como pesquisador, que culmina em um projeto coletivo de produção de conhecimento e mobilização social para pensar as múltiplas relações de violência vivenciadas por mulheres no município de São Gabriel da Cachoeira, município amazonense localizado na fronteira com a Colômbia.

E quando a limonada antropológica azeda? é uma celebração profundamente íntima e honesta do centenário dos Argonautas do Pacífico Ocidental. O livro nos ensina, de certa forma, a desaprender antropologia, ou melhor, certa escrita antropológica. O conjunto de narrativas, trazendo nova luz para a obra de Malinowski a partir de suas frustrações nas ilhas Trobriand, contribui também para pensar temáticas contemporâneas de interesse antropológico no cânone, como: corpo, gênero, raça, classe, colonialidade e a produção do dado etnográfico. A simetria entre sujeito e objeto na situação de produção de conhecimento está sublinhada aqui como dado fundamental de pesquisa, devido às contingências inerentes à produção de conhecimento antropológico.

O campo de Malinowski em Trobriand não foi tão simples quanto “um navio se distanciando”. As “Confissões de ignorância e falha” que se apresentam no segundo apêndice de *Coral Gardens* (MALINOWSKI, 1935) mostram um observador obsessivo, muito crítico de si mesmo. Malinowski vê em retrospecto as lacunas de seu trabalho como falhas suas, pois acreditava que havia um universo Trobriand a ser descoberto para além de sua presença. Os capítulos reunidos nesta coletânea colocam o corpo do pesquisador como eixo constituinte da episteme antropológica. Malinowski nos diz que “a antropologia na qual eu fui criado ainda estava interessada com o ‘verdadeiro selvagem’ [...]. Desta pura e antiquada observação eu tinha me livrado” (MALINOWSKI, 1935: 480). A antropologia tem esse caráter teimoso, tal qual Clarice Cohn nos lembra em seu capítulo, de revisar as “antiquadas observações” da antropologia na qual fomos criados. À sua maneira, cada autor revisita seu próprio trabalho de campo e reatualiza a postura malinowskiana de nos ajudar a pensar as “armadilhas e caminhos sem saídas pelos quais foram levados” (MALINOWSKI, 1935: 457), sendo o principal deles a ideia de que todo campo é possível. *E quando a limonada antropológica azeda?* é um convite a pensar e expor como situações que antes eram vistas como limitadores são na verdade indeléveis da produção de conhecimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CALVINO, Ítalo. 2007. *Por que ler os clássicos*. São Paulo, Companhia das Letras.

MALINOWSKI, B. 2018. *Argonautas do Pacífico Ocidental*. São Paulo, Ubu Editora.

MALINOWSKI, B. 1935. *Coral Gardens and their magic: The description of gardening*. Hoboken,

Taylor and Francis.

TONIOL, R.; FLEISCHER, S. (orgs.). 2023. *E quando a limonada antropológica azeda?* Porto Alegre, RS, Zouk.

Editor-Chefe: Guilherme Moura Fagundes

Editora-Associada: Marta Rosa Amoroso

Editora-Associada: Ana Claudia Duarte Rocha Marques



O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior- Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001